

Orquestra Jazz de Matosinhos & Guillermo Klein

20 Mar 2022
22:00 SALA SUGGIA

CICLO JAZZ

Guillermo Klein composição e direcção musical*

Programa (sujeito a alterações e redefinição da ordem)

Venga

Flores

Lonely Woman (Ornette Coleman/arr: G. Klein)

Vidala para mi sombra (Julio Santos Espinosa/arr: G. Klein)

Melodia de Arrabal (Carlos Gardel/arr: G. Klein)

Lepo (Quiero)

Ibernia

Cordoba

Manuel

Con Brasil Adentro/Fugue X

*Compositor em Residência OJM

Temas de Guillermo Klein, à excepção de *Vidala para mi sombra*, *Lonely Woman* e *Melodia de Arrabal*.

Em 2022 a Orquestra Jazz de Matosinhos dá início às residências artísticas com algumas das figuras mais criativas da escrita para *big band*. A primeira aventura é com Guillermo Klein, uma das vozes mais singulares no âmbito da composição actual, dentro e fora do jazz, com uma abordagem original que tanto parte dos ritmos tradicionais como da música clássica argentina do século XX. Guillermo Klein apresenta-se esta noite na Sala Suggia numa tripla condição – como compositor, arranjador e director musical.

Uma tripla condição que talvez seja ‘só’ dupla porque afinal para Guillermo “escrever música e arranjar, em certo sentido, é o mesmo porque estás sempre a ordenar (...) Cada linha melódica é como se fosse uma pessoa, com uma vida própria”. A fazer canções desde criança, foi ainda adolescente que começou a ganhar o gosto pela arte de arranjar enquanto membro de uma banda de rock. “Era fascinante. Tocava uma melodia no piano e, de repente, o guitarrista tocava também a mesma voz, a mesma melodia, mas soava completamente diferente. E foi aí que comecei a dar atenção ao timbre”. Foi também por esta altura que se deixou impressionar pela bateria, esse instrumento moderno que o próprio apelida como “muito louco mas que é o que te dá mais vida (...)”. Um fascínio que viria embrenhar-se mais tarde na forte e distintiva componente rítmica das suas composições. Ainda na Argentina descobriu no Conservatório a música de Stravinski, Debussy, Piazzola, e percebeu que “de certo modo é tudo o mesmo: aqui está o baixo, os ritmos ... Comecei a sentir que existia uma

conexão entre tudo”. Talvez seja esta uma das maiores marcas da música do compositor que, afinal, reside numa característica pessoal: a de não hierarquizar a música e de se entregar a ela sem pudor, sem se preocupar com rótulos, esbatendo fronteiras, num campo de liberdade onde devemos olhar e honrar aquilo que é natural em nós, o que vibra cá dentro.

Mas e o jazz? Claro, quando Guillermo se mudou para os Estados Unidos para estudar na Berklee o jazz “*rompio la cabeza*”. Achou que era a melhor coisa do mundo. A possibilidade de tocar vezes e vezes o mesmo tema e ser sempre diferente souo-lhe fascinante. Se hoje não se vê como um compositor de jazz, diz que traz consigo o espírito dele, essa vontade de fazer sempre tudo soar diferente, não repetir a mesma coisa, de descobrir novas possibilidades. É talvez esse espírito singular que tem feito uma série de músicos do jazz tocarem vezes e vezes sem conta a sua música. Veja-se o exemplo de Los Guachos, a formação que Klein lidera desde os anos 90 e que segue ainda nos dias de hoje a tocar a música do compositor – com figuras como Jeff Balard, Miguel Zenón, Chris Cheek, entre outros. Uma banda que continua porque é, segundo Klein, uma “forma de partilhar a vida, não um projecto com um fim”.

Já a relação com a OJM começou praticamente há uma década. Para Klein, esta é uma formação pela qual nutre uma amizade e cumplicidade, onde sente que há ‘*ganas*’ de descobrir o que é a música e por isso continuam a trabalhar juntos. A escolha do repertório desta noite partiu de um tema que arranjou recentemente para a OJM, “Lonely Woman”, de Ornette Coleman. “Fiquei muito reticente quando o Pedro me convidou para fazer um arranjo de uma música do Ornette. Tenho-lhe muito respeito... Mas um dia estava... *pa ba bi bo baaaaa*. Comecei a cantar e uau... (...) Bem, tenho de fazer a *Lonely Woman*, ver como soa. Pus o meu coração neste arranjo”. A partir deste tema escolheu outros que o emolduraram: “Flores”, “Vidala para mi sombra” – uma canção da Argentina que lhe foi apresentada pelo contrabaixista Demian Cabaud mas que nunca tocou; e ainda a super poderosa “Venga”. Os outros temas surgiram muito naturalmente, às vezes motivados por algo específico – como *Brasil Adentro*, que foi escolhido porque tinha gravado na memória um solo que o João (saxofonista da OJM) fizera neste tema, num concerto há anos atrás – ou a vontade apenas de partilhar música de que gosta. Música que, acima de tudo, tem um peso emocional, porque “em tempos tão conturbados, se faço um concerto, que tenha uma razão de ser”.



casa da música

APOIO



APOIO INSTITUCIONAL



MECENAS PRINCIPAL CASA DA MÚSICA



Guillermo Klein composição e direcção musical

Natural da Argentina, Guillermo Klein reside actualmente em Nova Iorque. É o líder de Los Guachos, uma banda de 11 elementos que desde os anos 90 toca regularmente em diversas gravações para a editora Sunnyside e em residências artísticas em Nova Iorque, no Village Vanguard, durante mais de uma década.

Gravou e colaborou com inúmeros músicos de jazz como Wolfgang Muthspiel, Rebecca Martin, Miguel Zenon, Seamus Blake, Aaron Goldberg, Joshua Redman.

Compõe e dirige regularmente a sua música em inúmeras big band europeias, como a Big Band da Rádio do Norte da Alemanha, The Orchestra na Dinamarca, Orquestra Jazz de Matosinhos ou Metropole (Holanda).

Na temporada 2020/21 trabalhou como Parceiro Artístico da Orquestra de Jazz UMO (Finlândia). Lançou recentemente um disco com a Orquestra de Jazz Suíça (SJO) e o álbum *Cristal* de Los Guachos foi escolhido para o top 10 dos discos de jazz pelo New York Times em 2019.

É professor de composição na JazzCampus (Basileia).

Orquestra Jazz de Matosinhos

A Orquestra Jazz de Matosinhos é uma instituição sem fins lucrativos que tem por objectivo promover a criação, a investigação, a divulgação e a formação na área do jazz. Criada em 1997, conta com o apoio da Câmara Municipal de Matosinhos desde 1999. Cruza ambição internacional com sentido de responsabilidade local e investe de forma continuada no desenvolvimento de projectos artísticos diversificados, projectos formativos coerentes e na edição discográfica de jazz português. Pioneira num território largamente inexplorado, a OJM cumpre o papel de Orquestra Nacional de Jazz. No ano em que celebrou 20 anos, recebeu a Medalha de Mérito Cultural do Primeiro-Ministro e do Ministro da Cultura.

No papel de orquestra nacional de jazz, apresenta repertórios de todas as variantes estéticas e épocas do jazz. Dirigida por Pedro Guedes e Carlos Azevedo, colaborou com Maria Schneider, Carla Bley, Lee Konitz, John Hollenbeck, Jim McNeely, Kurt Rosenwinkel, João Paulo Esteves da Silva, Carlos Bica, Ingrid Jensen, Bob Berg, Conrad Herwig, Mark Turner, Rich Perry, Steve Swallow, Gary Valente, Dieter Glawischmig, Stephan Ashbury, Chris Cheek, Ohad Talmor, Joshua Redman, Andy Sheppard, Dee Dee Bridgewater, Fred Hersch, Rebecca Martin, Peter Evans, Fay Claassen, Kiko Freitas, Maria Rita, Maria João, Mayra Andrade, Manuela Azevedo, Sérgio Godinho, Manel Cruz, Mário Laginha e Rui Reininho, e com formações como a Sinfónica do Porto Casa da Música, o Remix Ensemble, o Drumming e o Quarteto de Cordas de Matosinhos.

Em 2014 iniciou o Ciclo Novos Talentos do Jazz onde convida jovens músicos ibéricos a tocarem como solistas à frente da Big Band.

A OJM actua regularmente nas principais salas do país e tem feito digressões a várias cidades da Europa e dos Estados Unidos, incluindo Barcelona (residência de quatro anos no VollDamm Festival Internacional de Jazz de Barcelona), Belgrado, Bruxelas,

Marselha, Viena, Milão, Boston e Nova Iorque. Nesta cidade, realizou temporadas nos clubes Birdland, Jazz Standard, Jazz Gallery e Iridium, fez uma residência no Blue Note e foi a primeira formação portuguesa de jazz a participar num festival norte-americano — JVC Jazz Festival, Carnegie Hall, em 2007.

2018 marcou o início de um importante projecto de itinerância nacional com quatro concertos (um por ano), dedicado a levar às salas de todo o país o repertório tradicional para big band - a partir do projecto realizado com curadoria e narração de Manuel Jorge Veloso, "Uma Viagem pelos Tempos do Jazz: do Ballroom à Sala de Concerto" -, música escrita por compositores portugueses para este tipo de formação e uma última fase dedicada a mostrar os novos talentos do jazz.

A discografia da OJM é o reflexo de algumas das suas colaborações mais sólidas: *Orquestra Jazz de Matosinhos Invites: Chris Cheek* (Fresh Sound New Talent, 2006); *Portology*, com Lee Konitz como compositor e solista principal (Omnitone, 2007); *Our Secret World* com Kurt Rosenwinkel, lançado nos EUA e em Portugal (WomMusic, 2010); *Amoras e Framboesas* com a cantora Maria João (Universal Music, 2011); *Bela Senão Sem* com arranjos originais sobre a música do pianista João Paulo Esteves da Silva (inicialmente editado pela TOAP/OJM, em 2013); *Jazz Composers Forum: today's european-american big band writing*, trabalho que resultou da gravação de oito encomendas feitas a oito compositores —quatro americanos e quatro europeus (TOAP/OJM, 2014); *Unsolvable Problems* (Improbable Records, 2019) com a música do compositor Carlos Guedes. Em 2020, a OJM resgata a sua voz editorial com o CARA e edita *Jazz in the Space Age* — uma revisitação ao histórico álbum de George Russell, gravado ao vivo na Casa da Música com João Paulo Esteves da Silva e José Diogo Martins. Recentemente, com o mesmo carimbo reeditou *Bela Senão Sem* (2021) com três temas novos a solo de João Paulo Esteves da Silva e lançou *After Midnight* (2022) com a cantora e compositora Rebecca Martin e o contrabaixista Larry Grenadier - que conta também com um *audiobook* com curadoria de Martin em que 11 mulheres recitam as letras do disco, entre elas Rachel Weisz, Gretchen Parlato e Terry Martin. Neste mesmo ano é lançado um site que arquiva e disponibiliza para audição o catálogo discográfico completo da editora TOAP (extinta em 2014).

Desde 2018, a orquestra tem a sua nova casa na Real Vinícola em Matosinhos. É lá que está instalado o Centro de Alto Rendimento Artístico (CARA), que é não só a editora, mas também um espaço onde se promove o diálogo entre arte, ciência e tecnologia, acolhendo ainda as actividades do Programa Educativo da OJM.

Madeiras João Guimarães, João Pedro Brandão, Mário Santos, José Pedro Coelho e Rui Teixeira

Trompetes Luis Macedo, Ricardo Formoso, Rogério Ribeiro e Javi Pereiro

Trombones Daniel Dias, Gil Silva, Andreia Santos e Gonçalo Dias

Secção rítmica Miguel Meirinhos (piano), Demian Cabaud (contrabaixo), Marcos Cavaleiro (bateria) e André Fernandes (guitarra)